



INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
***CAMPUS* ARAPIRACA**
PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS

ALINE DOS SANTOS

O DISCURSO SOBRE A MULHER NO CURTA METRAGEM “VIDA MARIA”

ARAPIRACA, AL
2024

ALINE DOS SANTOS

O DISCURSO SOBRE A MULHER NO CURTA METRAGEM “VIDA MARIA”

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós graduação em linguística e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção de especialização em Práticas Sociais de Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. José Edson Ferreira Lima

ARAPIRACA, AL

2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237d

Santos, Aline dos.

O discurso sobre a mulher no curta metragem “vida Maria” / Aline dos Santos. – 2024.

1 PDF: il., color. (1 arquivo: 304 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 13 folhas.

Orientação: Prof. Dr. José Edson Ferreira Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como artigo científico, (especialização, Pós-graduação em Linguagens e práticas sociais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2024.

1. Análise do discurso. 2. Escolarização. 3. Documentário vida Maria. I. Título.

CDD: 401.41

Luciete Barbosa da Silva
Bibliotecária CRB-4/1739


ALINE DOS SANTOS

O DISCURSO SOBRE A MULHER NO CURTA METRAGEM “VIDA MARIA”

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós graduação em linguística e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *Campus* Arapiraca, como requisito parcial para obtenção de especialização em Práticas Sociais de Linguagem.

Aprovado em: 11/04/2022.

AVALIADOR (A)

Documento assinado digitalmente
 JOSE EDSON FERREIRA LIMA
Data: 08/02/2023 10:17:38-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. José Edson Ferreira Lima
Instituto Federal de Alagoas

O DISCURSO SOBRE A MULHER NO CURTA METRAGEM “VIDA MARIA”

THE DISCOURSE ABOUT WOMEN IN SHORT FILM “VIDA MARIA”

Aline dos Santos¹
José Edson Ferreira Lima²

RESUMO

O presente artigo trata da análise de uma materialidade discursiva da linha francesa de Pêcheux (1988) com uso de pelo menos três dispositivos teórico-analíticos, sendo um deles, as condições de produção. A materialidade escolhida foi vídeo e tivemos como objeto de estudo desse curta metragem, “Vida Maria”, analisando os dispositivos teórico-analíticos: Interdiscurso e Formação Ideológica. Para a construção desse trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, bem como fundamentar nossos conhecimentos sobre o objeto de estudo, nossos resultados obtidos apontam que a maioria das mulheres vêm no casamento, a única mudança de vida, por estarem acostumada a essa vida, presenciada e vivida de mãe para filha, e por pertencer à uma realidade de não escolarização. Trata-se de uma realidade de muitas “Marias” pertencentes ao nosso país e deve ser visto como algo a ser mudado.

Palavras-chave: escolarização; mulheres; vida Maria.

ABSTRACT

The present article deals with the analysis of a discursive materiality of the French line of Pêcheux (1988) with the use of at least three theoretical-analytical devices, one of them being the conditions of production. The chosen materiality was video and we had as object of study this short film, “Vida Maria”, analyzing the theoretical-analytical devices: Interdiscourse and Ideological Formation. For the construction of this work, we used the bibliographical research, as well as to base our knowledge about the object of study, our results obtained indicate that the majority of the women come in the marriage, the only change of life, for being used to this life, witnessed and lived from mother to daughter, and for belonging to a reality of non-schooling. This is a reality of many “Marias” belonging to our country and must be seen as something to be changed.

Keywords: schooling; women; life Mary.

Data de Submissão: 30/03/2022.

Data de Aprovação :14/04/2022.

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas – (UNEAL)

²Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – (UFAL)

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa partiu da necessidade de investigar e compreender a visão de mundo representada pela personagem protagonista do curta-metragem “Vida Maria”, quais são suas condições de produção e qual é o discurso presente. Foi possível compreender o porquê de o vídeo fazer tanto sentido, não só nos sertões, já que está é uma realidade em nosso Brasil, as mulheres serem vistas apenas para tarefas domésticas e criação de filhos, deixando os estudos para segundo plano.

Consideramos, a partir da análise, o quanto as mulheres como as Marias apresentadas no filme mostram uma semelhança muito grande com a nossa realidade, não só nos sertões ou interior, traços bem parecidos com o real onde vemos crianças que têm sua infância interrompida, muitas vezes para ajudar a família a sobreviver, infância essa resumida a poucos recursos e às más condições de vida, além disso, o vídeo demonstra como o ser humano é capaz de internalizar as experiências vividas na infância e como são determinantes para formação daquela pessoa na vida adulta, passando isso de geração em geração .

1.1 SINOPSE

O curta-metragem “Vida Maria” apresenta uma circularidade narrativa, ou seja, vemos a sina se repetir em gerações distintas da mesma família. O filme foi lançado no ano de 2006, produzido, escrito e dirigido pelo animador gráfico Márcio Ramos. Essa narrativa se passa no interior do sertão do nordeste brasileiro e conta a história de três gerações de mulheres de uma mesma família.

A história começa com uma menina de cinco anos chamada Maria José, que enquanto aprende a escrever e a exercitar a caligrafia, escrevendo seu nome, é interrompida pelos gritos da mãe que a obriga a ajudá-la nas tarefas da casa.

A garota, que fazia o contorno do nome no papel, é interrompida pelos gritos insistentes da mãe. As feições de prazer, descontração e cuidado com as letras que preenche no caderno são imediatamente substituídas pelo olhar assustado e amedrontado quando sua mãe se aproxima.

Imagem 1 – Caderno de nomes



Fonte: Ramos, 2006 (Vida Maria).

A menina, concentrada na escrita, não responde de primeira aos chamados da mãe, o que a aborrece ainda mais, fazendo-a agarrar o braço da menina e dar-lhe a seguinte bronca:

Imagem 2 – Maria escrevendo



Fonte: Ramos, 2006 (Vida Maria).

Imagem 3 – Maria levando bronca



Fonte: Ramos, 2006 (Vida Maria).

“— Maria José. Oh, Maria José, tu não tá me ouvindo chamar não, Maria? Tu não sabe que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo desenhando nome, vá lá pra fora arranjar o que fazer. Vá. Tem o pátio pra varrer, tem que levar água pro bicho. Vai menina, vê se tu me ajuda, Maria José.”

Maria José imediatamente baixa a cabeça diante do olhar duro que a encara, obedece prontamente à mãe e se dirige para o poço, onde pega água para os animais.

Enquanto trabalha, a câmera, que se movimenta aos poucos, vai passar o desenrolar da vida da menina que se tornará moça, engravidará, terá filhos e envelhecerá. A Maria José criança que abandonará os cadernos para puxar água do poço logo crescerá e conhecerá Antônio, que também trabalha na roça ao lado do pai da moça.

Através das sutilezas trocadas quando Antônio se oferece para ajudar Maria com a água, percebe-se que os dois jovens se apaixonam, ficam juntos e dão início a uma nova família seguindo o padrão da família onde Maria José cresceu, no sertão cearense. Rígida com a filha assim como a sua mãe fora consigo, Maria José dirige-se a única filha mulher, Maria de Lurdes, e faz uso de palavras semelhantes às que a sua mãe lhe fez quando criança:

Imagem 4 – Maria carregando água



Fonte: Ramos, 2006 (Vida Maria).

- “Em vez de ficar perdendo tempo desenhando nome vá lá pra fora arranjar o que fazer! Tem o pátio pra varrer, tem que levar água pros bichos, vai menina! Vê se tu me ajuda, Lurdes!
Fica aí fazendo nada, desenhando o nome”

E assim, a partir do exemplo aprendido, a mãe outrora criança, passará o ensinamento a frente, desestimulando a filha das tarefas da escola e impulsionando-a para a vida no campo.

A história é intermitente, e mostra a reação de uma mãe com a filha e depois dessa filha que irá tornar-se mãe com a menina que sairá do seu ventre. Apesar da presença física da avó se extinguir pela morte, vemos os ensinamentos perdurarem e atravessarem gerações.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONDIÇÃO DE PRODUÇÃO RESTRITAS

Produzido no ano 2006, pelo animador gráfico, Márcio Ramos, no Ceará, apesar de ter uma curta duração, possui a importante mensagem de transmitir a valorização da educação nos primeiros anos de vida e a realidade de muitas crianças que são desestimuladas pelos próprios pais e forçadas a trabalhar para ajudar em casa, quando as mesmas deveriam estar comprometidas com afazeres de crianças e os estudos.

O curta tem 9 minutos de duração e mostra a triste realidade de tantas Marias do nosso Brasil. Vemos as semelhanças de realidades semelhantes, mas de épocas diferentes e, percebemos claramente, que as crianças se espelham em seus pais em tudo que as rodeiam e toda a visão que terão do mundo é um espelho da vida familiar.

O vídeo mostra a rotina da personagem Maria José, uma menina de 5 anos de idade que se diverte enquanto aprende a escrever seu nome, mas que é obrigada pela mãe a abandonar os estudos e começar a cuidar dos afazeres domésticos e trabalhar na roça. Enquanto ela cresce, casa, e tem filhos e depois envelhece e o ciclo continua a se reproduzir nas outras Marias, suas filhas, netas e bisnetas.

Maria é arrancada do mundo linguístico quando sua mãe a repreende por estar escrevendo seu nome, corta da vida da filha os sonhos e os objetivos de uma vida diferente da sua, uma vida melhor, a mãe de Maria assim foi ensinada e assim ocorre uma reprodução passada de geração em geração.

O curto vídeo possui o objetivo de mostrar o impacto da ausência da educação e da ludicidade de uma geração para outra, e acompanha o passar do tempo da vida de uma família sem estudo.

No ano de 2006, era sancionada no Brasil a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha. Essa legislação traz em seu bojo mecanismos que visam coibir e prevenir a violência de natureza física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral, dirigida conscientemente contra a mulher, conferido proteção específica ao gênero feminino quando as agressões são praticadas nas situações delineadas pelo art. 5º da referida legislação.

2.2 A MULHER SERTANEJA NA SOCIEDADE BRASILEIRA AO LONGO DO TEMPO

As condições de produção do discurso envolvem o sujeito e suas contradições, que se impõem nos esquecimentos e sua posição social, que depende da ideologia, de sua posição em relação ao modo de produção, de sua posição na esfera específica em que o discurso é praticado, elas são históricas e não podem ser reduzidas às formações imaginárias, na medida em que as englobam (PÊCHEUX, 1988).

Percebemos que a sociedade patriarcal restringe a mulher ao plano biológico, quando permite apenas que seu papel seja o de mãe e esposa, cuidadora do lar e da família. No entanto, sabemos e cremos que tanto homens como mulheres, como bem explana Moura (2008), são resultantes de uma interação entre o ser físico e o ser social. Não há dissociação entre essas instâncias e tal concepção do que é ser mulher e ser homem, a partir de uma diferenciação sexual, que terminou por construir papéis sociais discriminando e excluindo as mulheres do processo histórico. Essa é a história sem história do feminino na cultura ocidental, que passa a ser contada pelo homem, por seu papel e atuação no mundo, tornando a mulher o outro, como reflete Simone de Beauvoir (1961).

O patriarcalismo é uma forma de construção social baseada no patriarcado. O patriarcado é o domínio social ou uma estrutura de poder social centralizada no homem ou no masculino. É baseada na própria ideia de pater, figura do pai. E relaciona instâncias públicas e privadas da vida social. É uma estrutura bastante comum na sociedade humana, mas é contestada por diferentes grupos sociais em vários momentos da história, devido à pouca ou nenhuma ação que impõe às mulheres. O patriarcado associa a biologia à cultura, no sentido de diferenciar os papéis sociais baseados em papéis sexuais. Em geral, cargos de maior importância cultural são destinados a homens, enquanto cargos de importância familiar são relegados às mulheres.

O conceito do patriarcado e as dominações sociais relacionadas ao poder masculino preponderante na sociedade são temas abordados, em geral, por estudos de gênero. Esses estudos, principalmente da linha feminista, identificam que existe uma situação de desigualdade de gêneros na sociedade que vem em decorrência da associação cultural de papéis sociais a biologia. Esses papéis determinam que a mulher estaria em desigualdade com o homem e seria inferior a este. Essas ideias são amparadas em dados estatísticos de violências contra a mulher, de construção de discursos e de ideias sociais sobre o que é o feminino como pejorativo, frágil e menor.

“As mulheres foram criadas para obedecer e servir aos homens. Os homens devem ser fortes para prover sua família, para desenvolver estratégias e liderar – e também podiam esperar ser servidos. Esses são os papéis de gênero aparentes em todas as instituições de uma comunidade, desde famílias, escolas e estádios, até os tribunais. Quando desafiadas, tais ideias podem ser impostas pela violência. Mas, às vezes, um olhar mais frio ou a gozação de colegas são o suficiente para fazer que alguém mude seu comportamento, para que seja mais condizente com seu papel de gênero. Um menino chorão ou uma menina agressiva talvez percebam, com certa rapidez, que transgrediram os papéis de gênero para eles. Uma das coisas mais traiçoeiras a respeito do patriarcado, diz hooks, é que não se fala dele [...] Os homens quase nunca sabem o que a palavra “patriarcado” quer dizer – eles não a usam no cotidiano a despeito de aplicarem suas regras ao mesmo tempo que sofrem com elas.” (THORPE et al, 2016, p. 94)

Moura (2008) revela que, no contexto da cultura ocidental, durante muito tempo, a mulher era resumida a um objeto de manipulação e dominação, em função dos valores estabelecidos pela cultura patriarcal, o que lhe custou uma determinada identidade de mulher. Para essa autora, o modo de organização patriarcal que prevaleceu ao longo da história fez com que a trajetória da mulher fosse contada e estabelecida pelos homens, por seus interesses, que acabaram por definir o seu papel como mãe e esposa.

Para Bassanezi (1997, p. 609), “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres”. Assim, nos anos dourados, essa era a essência feminina, pois, ao inverso do feminino, a iniciativa e participação no mercado de trabalho, o espírito aventureiro eram definições de masculinidade.

Podemos compreender, assim, por que as mães educavam suas filhas desde pequenas para serem boas mães e donas de casa; os brinquedos femininos, associados ao cumprimento de tarefas domésticas, aos cuidados do lar e da família, representados nas bonecas, nas panelinhas, fogõezinhos, nas vassouras em miniatura e nas casas de boneca, simulando assim os papéis femininos que, mesmo que transgredidos na atualidade, perpetuam-se no imaginário e na composição do ser mulher.

Weber ressalta que os sistemas religiosos estabelecem uma relação íntima entre sociedade, sexualidade e erotismo, porquanto eles são também sistemas de controle da sexualidade e da reprodução. Associando sexualidade com práticas mágicas e com o comportamento religioso comunal, Weber observa, ainda, que tanto as religiões místicas, quanto as ascéticas, são hostis à sexualidade [...] Para que este controle social se efetue as mulheres são assemelhadas, pelos sistemas religiosos, às criaturas irracionais (ou de difícil autocontrole, isto é, com grande capacidade de ocasionar o descontrole, ou como seres capazes de causar emoção em quem as circunda, inclusive pelos desejos que podem despertar (Weber, 1964, p. 238). A contenção desses sentimentos muitas vezes se estabelece pela instituição de regras sobre as vestimentas, normatizando que sejam cobertas as partes do corpo feminino que podem suscitar desejos nos homens. (AGUIAR, 2000, pp. 309-310).

Nos últimos 12 meses, 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor. Entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. (FRANCO, 2019).

Reproduz a realidade de três gerações de mulheres do sertão nordestino, além disso, faz uma denúncia a ausência de escolarização e as condições precárias de vida de várias gerações de mulheres do sertão cearense. Vemos crianças que em sua infância interrompida, muitas vezes para ajudar a família a sobreviver, elas deixam de ser crianças e são imersas ao mundo adulto, com responsabilidades a cumprir.

“VIDA MARIA”

Orlandi (2005), define interdiscurso como um conjunto de dizível histórica e linguisticamente, ele funciona como uma reconfiguração que permite redefinições, apagamentos, esquecimentos entre os elementos de saber de uma formação discursiva. Estando entrecruzado há vários e diferentes discursos em momentos históricos sociais e

políticos, o mesmo deve ser entendido a constituição de um discurso em relação a outro já existente, isto é, trata-se de um conjunto de ideias, organizadas por meio do texto, que se apropria, implícita ou explicitamente, de outras configuradas anteriormente.

Nesse sentido, é possível identificar que o nome “vida” é um recorte, uma palavra reciclada, retorno de algo já usado, fazendo uso de um pré-construído (vida) para dar ênfase ao título e se referir a tantas outras vidas que vivem na mesma situação de Maria e que não possuem esse mesmo nome, cujos estes são carregados pelo peso da religião que simultaneamente ecoam o destino trágico de tantas mulheres diferentes embora com destinos exatamente idênticos.

Há um evidente interdiscurso entre o título dado ao vídeo e a obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto, na qual é apresentado o percurso de morte e vida do retirante Severino. Vidas Severinas e Vidas Marias representam, portanto, sinônimos de vidas submetidas às mais diversas situações de pobreza e dificuldades. A cena final, focada no caderno de caligrafias da garota, mostra a multiplicidade de Marias e de histórias que se repetem: são Marias de Lurdes, Marias José, Marias da Conceição...

2.3 A VISÃO IDEOLÓGICA DO DOMINADO

Embora, Maria seja uma mulher submissa e subordinada, ela reproduz os valores, e a supremacia do homem. Maria é quem ocupa o espaço de cuidar dos filhos, do lar e da roça, a ela cabe o papel passar seus ensinamentos às futuras gerações e assim ela faz, bem como lhe foi passado, ela também transmite.

O vídeo foi feito a partir da posição ideológica do dominado, nesse caso seria as Marias, uma vez que é questionado a submissão da mulher, o trabalho doméstico e rural. Esse questionamento do discurso ainda predominante na sociedade caracteriza uma denúncia social.

A mulher nordestina vista no vídeo é aquela cujo intuito é ser mãe e senhora do lar e da roça, que não conhece outra coisa senão ser esposa e procriar, e que Maria José e Maria de Lurdes são apenas duas dessa longa lista de mulheres que se caracterizam pela cultura do trabalho e do não estudo. Considerando que a mãe da protagonista fora criada da mesma forma. Há um ciclo que se perpetua por todo o vídeo e a história se repete com todas as mulheres da geração de Maria. Para que este círculo vicioso seja banido ou extinto, é necessário que uma delas não repita o lhe foi transmitido quando criança com sua filha, para que dessa forma, outras “Marias” escrevam finais felizes, diferentes do visto nos poucos minutos do vídeo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar o quanto a mulher, não só a nordestina ou sertaneja, é forte, representativa e determinante no espaço em que vive, elas são desde criança obrigadas a ajudar nos afazeres domésticos, submetendo-se a trabalhos inadequados para a sua idade. Além do mais, vê no casamento, a única mudança de vida, pois está acostumada a essa vida, por pertencer à uma realidade de não escolarização. Esta é uma realidade de muitas Marias pertencentes ao nosso país e deve ser visto como algo a ser mudado, atualmente ainda percebemos na nas redes sociais, sites e notícias de próprias mulheres para outras mulheres, que os assuntos abordados sempre são os mesmos: moda, culinária, comportamento, sexualidade e saúde. Ou seja, ainda estamos revestidos por uma conotação de liberdade de exercício da sexualidade feminina, um discurso que coloca a mulher como responsável pela felicidade do relacionamento a dois. Ainda presenciamos, mesmo que sutilmente, um manual com orientações de condutas adequadas, e que seduzem mais o homem e que ainda emitem a implícita mensagem de que mulher feliz é aquela acompanhada, em uma relação estável, submissa ao companheiro. Assim como as revistas específicas para os homens, distintas daquelas para as mulheres, sempre trazem conteúdos vitais, como exercícios físicos, sucesso no trabalho, vigor e vitalidade. Mesmo que visto como uma descrição da sociedade brasileira dos anos 1950, percebemos que traços culturais marcantes desse período ainda estão presentes até os dias atuais, construindo e perpetuando concepções de um feminino que ainda está vinculado ao exercício da maternidade, do cuidado da casa e da relação amorosa, acrescido a mais uma incumbência do exercício profissional, porque, nesse momento, a mulher ocupa um papel no mercado de trabalho, contribuindo com o orçamento familiar, quando não, sendo a única responsável pelo sustento da família.

REFERÊNCIAS

- BASSANEZI, C. (1997). *Mulheres dos anos dourados*. In M. D. Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FUKS, Rebeca. *Filme Vida Maria: resumo e análise*, disponível em: <https://www.culturagenial.com/filme-vida-maria/>. Acessado 23/11/2021 10:30.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MOREIRA, L. A. L. *Linguagem, Discurso e Ideologia: a materialidade histórica e social dos sentidos*. In: CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira (ORG). *Linguagem, Discurso, Ideologia: a materialidade dos sentidos*. Maceió: EDUFAL, 2017.
- MOURA, R. (2008). *Uma história sem história: considerações sobre o feminino*. *História, imagem e narrativas*, 7, ano 3, setembro/outubro.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. Ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1995.
- PENZANI, Renata. 2017. *'Vida Maria': curta narra trajetória de uma menina 'sem infância'*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/educacao/curta-vida-maria-narra-o-que-acontece-com-crianca-longe-d/> . Acessado dia 23/11/2021 10:18
- THORPE, C. et al. *O livro da Sociologia*. São Paulo: Globo Livros, 2016.
- VIDA MARIA. 2017. (8m35s). disponível em: https://www.youtube.com/watch=yFpoG_htum4&feature=youtu.be. Acesso em: 24 de novembro de 2021.